

**Variação pronominal em obras infantis de Monteiro Lobato:
motivações socioestilísticas**

**Pronominal variation in Monteiro Lobato's children's books:
socio-stylistic motivations**

Edair Görski¹

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: A partir de uma perspectiva teórica de interface entre gramaticalização e variação, o objetivo deste trabalho é analisar as formas pronominais de expressão da 1ª pessoa do plural (*nós/a gente*) e outros pronomes correlacionados, em duas obras infantis de Monteiro Lobato publicadas na década de 1930, examinadas comparativamente, atentando principalmente para o papel de fatores externos. Os resultados mostram que a variação pronominal, decorrente da gramaticalização de *a gente*, acontece não só na fala de diferentes personagens, como também na fala de uma mesma personagem e no escopo de um mesmo enunciado, motivada por fatores que dizem respeito ao contexto sócio-histórico, à biografia do autor e a características de cada obra. Enfatiza-se a importância de estudos variacionistas buscarem, além de padrões sociolinguísticos gerais, também especificidades que podem contribuir para um melhor entendimento da dinâmica funcional da língua, considerando-se, no caso em tela, a pertinência de se tomar cada obra em seu contexto como uma amostra distinta.

Palavras-chave: *Nós/a gente*. Gramaticalização. Variação. Motivações socioestilísticas. Obras literárias.

Abstract: From a theoretical perspective of interface between grammaticalization and variation, the aim of this paper is to analyze the variable use of pronouns of 1st person plural (*nós/a gente*) and other correlated pronouns – in two children's literary works by Monteiro Lobato published in the 1930s, examined comparatively, paying particular attention to the role of external factors. The results show that the pronominal variation, due to the grammaticalization of *a gente*, happens not only in the speech of different characters, but also in the speech of the same character and in the scope of the same statement, motivated by factors related to the context socio-historical background, the author's biography and the characteristics of each work. It is emphasized the importance of variationist studies to seek, in addition to general sociolinguistic patterns, also specificities that can contribute to a better understanding of the functional dynamics of language, considering, in this case, the relevance of taking each literary work in context as a distinct sample.

Keywords: *Nós/a gente*. Grammaticalization. Variation. Socio-stylistic motivations. Literary works.

Submetido em 22/11/2020.

Aprovado em 13/03/2020.

¹ Professora do programa de pós-graduação em Linguística na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: edagorski@hotmail.com.

Introdução²

Obras literárias têm sido utilizadas como *corpus* de análises variacionistas de diferentes fenômenos, em diferentes sincronias, sendo geralmente reunidas com base em características similares (romances e peças teatrais, por exemplo), compondo um *corpus* unitário de escrita considerado como representativo de dada época, ou particularizadas como fatores de uma variável independente constituída por gêneros textuais/discursivos (romances, peças teatrais, editoriais jornalísticos etc.). Esse procedimento metodológico, no entanto, embora tenha se mostrado adequado, pode obscurecer especificidades estilísticas importantes para o entendimento da dinâmica funcional de fenômenos linguísticos em variação/mudança, como se pretende mostrar neste artigo, que toma como *locus* de uma análise sociolinguística (cf. PRETI, 2003) os livros de Monteiro Lobato destinados a público infantil *Reinações de Narizinho* (1931) e *Emília no País da Gramática* (1934).

A razão pela escolha desse *corpus* deve-se, por um lado, às condições de produção da obra de Monteiro Lobato (1882-1948), período em que o movimento modernista se encontrava no início de sua segunda fase³ – o autor era fortemente engajado no resgate de tradições brasileiras, refletido na criação de “uma obra para crianças fundada num tempo e espaço determinados, o do Brasil de sua época, rompendo com um tipo de literatura até então consumida pela infância” (ZILBERMAN, 1982, p. 37); além disso, manifestava o “desejo de deslitterarizar a linguagem na criação das obras infantis” (PARENTE, 2012, p. 104) e apresentava, em suas histórias, um traço de irreverência e até mesmo de subversão da lógica. Por outro lado, essa escolha se deve também à visão do autor de que “os gramáticos são vistos sempre como apegados às tradições e, portanto, como entrave para a língua evoluir e o estilo florescer” (MATTOS, 1988, p. 02), aspecto que, aliado ao perfil do público leitor, sugere que esses livros se constituem em contextos bastante propícios ao registro de variação linguística.

² Este trabalho reanalisa a amostra de contextos de primeira pessoa do plural examinada por Caldeira (2019) em sua dissertação de mestrado, ampliando as discussões.

³ Embora a tradição crítica brasileira costume rotular Lobato de pré-modernista, há características em seu fazer literário que o aproximam do modernismo, dentre elas, o uso de recursos literários convergentes aos manifestos circulantes nos anos de 1920 (cf. LAJOLO, 1982).

A seleção do fenômeno analisado – formas pronominais de expressão da 1ª pessoa do plural (P4) –, com foco na forma inovadora, justifica-se por três motivos: pelo fato de no período de publicação das obras a forma *a gente* já se encontrar amplamente implementada via gramaticalização como pronome pessoal, concorrendo com *nós* no português do Brasil (cf. LOPES, 2003, 2004); em razão de que o uso de tal pronome parece não receber explicitamente a atenção de Lobato, diferentemente do que ocorre com *você tu* (cf. adiante); e ainda em virtude de, atualmente, *a gente* ser omitido no quadro dos pronomes pessoais em muitos materiais didáticos (cf. CALDEIRA, 2019) e/ou ser associado à oralidade ou ao registro informal (cf. VIANNA; LOPES, 2015).

Busca-se i) averiguar como Lobato retrata – na fala do narrador e nos diálogos entre as personagens em cada um dos livros, tomados como amostras distintas – o paradigma de P4, comparando ainda os usos de *(a) gente* como substantivo e como pronome pessoal; e ii) refletir sobre o uso de variação pronominal nas obras, atentando a) ao contexto sócio-histórico de publicação dos livros, à posição crítica do autor em relação à educação formal da época e às especificidades de cada obra (temática, perfil das personagens etc.); e b) a uma abordagem na interface variação-gramaticalização e a resultados de pesquisas empíricas sobre o tema. Importa registrar que não é intenção deste estudo realizar uma análise estatística multivariada, nem buscar padrões sociolinguísticos gerais sobre o funcionamento de P4, o que já tem sido feito sistematicamente na área (cf. LOPES, 2003; 2004; VIANNA; LOPES, 2015, entre outros); e sim, a partir dos resultados da análise proposta, tecer reflexões sobre a relação entre a variação linguística e os aspectos descritos mais acima, particularmente no que diz respeito a características das amostras.

Paralelamente a isso, busca-se refletir sobre a seguinte afirmativa de Preti (2003, p. 69; grifo no original): “Parece-nos lícito exigir de uma personagem, sob a ação dos mesmos *fatores situacionais* (com uma separação mínima no tempo), a coerência do emprego da mesma estrutura”. No caso, o autor estava se referindo ao diálogo reportado a seguir, considerado por ele como incoerente devido ao emprego alternado das formas pronominais oblíqua e reta regida de preposição, o que romperia a lógica da língua da personagem em *Eles não usam black-tie*, peça de Gianfrancesco Guarnieri (1966).

Maria: Sempre vivi em barraco! E *vivê com tu* é o que interessa.

Tião: Eu é que não me ajeito aqui no morro.

Maria: Por quê? Aqui também tem tanta coisa boa... Só o que eu quero é *vivê contigo*. (PRETI, 2003, p. 69; grifos do autor).

A questão geral que orienta o exame das obras é: Em que medida o universo ficcional das obras infantis de Monteiro Lobato pode se constituir em *corpus* representativo para análise variacionista? Trabalha-se com a hipótese i) de que, refletindo os usos da época, atestados em estudos realizados com outras amostras de sincronias passadas, ambos os livros (publicados há mais de meio século antes da afirmação de Preti) apresentam não só registros de (*a gente* nome e pronome, como também uso variável de *nós* e *a gente*, com alternância na fala de uma mesma personagem, configurando-se o fenômeno como um caso de variação na fala do grupo (participantes das histórias) e também na fala do indivíduo (cada personagem); e ii) de que tal variação pode ser associada a fatores estilísticos que particularizam cada obra e também a dados biográficos do autor, daí se considerar que a variação envolve *motivações socioestilísticas*.

Isso posto, o artigo segue a seguinte organização, além desta Introdução: uma seção de caracterização das obras que constituem o *corpus* de análise, outra que contempla a gramaticalização de *a gente* (e a variação com *nós*), na sequência a análise e discussão dos dados e as considerações finais.

1 Caracterização das obras

Reinações de Narizinho (volume 1)⁴ reúne 11 histórias, escritas ao longo da década de 1920 e publicadas em 1931. Na primeira delas, “Narizinho arrebitado”, o narrador apresenta as personagens que vivem no sítio do Pica-pau Amarelo: D. Benta, dona do sítio, “uma velha de mais de sessenta anos [...] a mais feliz das vovós” (p. 02), que ensina os que a rodeiam e alimenta a imaginação das crianças contando histórias antes de dormirem e que, além de expectadora das aventuras infantis, por vezes também participa delas; Lúcia, neta de D. Benta, uma menina de sete anos ávida de conhecimentos e de aventuras, conhecida como Narizinho, que transporta o leitor a viagens pelo mundo da fantasia; tia Nastácia, cozinheira, “negra de estimação” (p. 02), sem educação formal mas cheia de sabedoria intuitiva sobre as coisas práticas da vida; e Emília, uma boneca de pano com olhos de retrós feita pelas mãos de tia Nastácia,

⁴ Versão digital disponível em:
<http://www.miniweb.com.br/Cantinho/Infantil/38/Estorias_miniweb/lobato/Vol1_Reinacoes_de_Narizinho.pdf> Acesso em 10/abril/2018.

personagem com personalidade forte e amiga inseparável de sua dona Narizinho. Além dessas, também habita temporariamente o sítio Pedrinho, menino de dez anos e neto de D. Benta, que mora na cidade e passa as férias na casa da avó. Ao longo do livro, outras personagens ganham vida: o Marquês de Rabicó, um leitão guloso, e o Visconde de Sabugosa, boneco feito de sabugo de milho, um estudioso atrapalhado que adquiriu seus conhecimentos lendo os livros da estante de D. Benta – além de outras personagens coadjuvantes.

*Emília no país da gramática*⁵, publicado em 1934, contém 27 capítulos incluindo o epílogo. O livro tem início com Pedrinho de férias no sítio da avó, que o ajuda a estudar gramática de modo diferente da decoreba de nomes e regras cobrada pela escola. À certa altura, a boneca Emília sugere: “[...] por que, em vez de estarmos aqui a *ouvir falar* de gramática, não havemos de *ir passear* no País-da-Gramática?” (p. 06; grifos no original). As crianças aceitam a sugestão e são acompanhadas nessa aventura por um famoso gramático, personificado no rinoceronte Quindim, cujo “cascão gramatical” (p. 06) serve de montaria para os viajantes. A visita acontece guiada por Quindim e a turma interage com diferentes categorias gramaticais personificadas, além da Sra. Etimologia e D. Sintaxe.

Ambos os livros, combinando ficção e realidade, apresentam uma estrutura fortemente dialogal com um narrador em terceira pessoa. As histórias de *Reinações de Narizinho* (RN), contudo, embora atravessadas pela atuação educadora de D. Benta como facilitadora do conhecimento, estão mais voltadas à leitura recreativa, enquanto em *Emília no país da gramática* (EPG) há o acréscimo de um componente maior de instrução, em que o ensino e aprendizagem de gramática funciona como pretexto para as aventuras da turma do sítio. Observa-se que a relação entre D. Benta e as crianças em RN fica esmaecida em EPG, cabendo ao rinoceronte o papel de condutor da turma; diferentemente do D. Benta, Quindim não ensina, mas ajuda as crianças a construírem o conhecimento na prática, a partir de seus próprios interesses.⁶ Em EPG, Narizinho, que

⁵ Versão digital disponível em: <<http://groups.google.com/group/digitalsource>> Acesso em 10/abril/2018.

⁶ É curioso observar o movimento associado ao ensino que atravessa as duas obras e que evidencia a crítica de Lobato à educação formal da época: há um claro contraste entre uma concepção de ensino mecanicista centrado em decoreba (na escola), uma concepção de ensino/aprendizagem reflexivo, mediado por D. Benta fora do ambiente institucional (no sítio), e uma concepção de aprendizagem a partir da experimentação (no país da Gramática).

é mais próxima do universo rural e distante de um ensino institucionalizado, assume uma postura observadora, ao passo que Pedrinho, que é do mundo urbano e recebe uma educação formal, é mais ativo. (cf. ALBIERI, 2006)

O desconforto de Lobato com a escola tradicional, especialmente com o ensino de Português, é sinalizado por Mattos (1988, p. 02; grifo no original) na passagem:

Muitos estudiosos de Lobato já afirmaram que ele tenha escrito a *Emília no País da Gramática* por “vingança” de ter sido reprovado aos quatorze anos de idade na prova de Português. [...] Dezenove anos depois da reprovação, ele ainda lembra o fato com igual ressentimento: *Da gramática guardo a memória dos maus meses que em menino passei decorando, sem nada entender, os esoterismos do Augusto Freire da Silva. Ficou-me da ‘bomba’ que levei, e da papagueação, uma revolta surda contra agramática e gramáticos, e uma certeza: a gramática fará letrados, não faz escritores.*

O trecho seguinte, extraído de *Emília no país da gramática* (capítulo 6 – “Na casa dos pronomes”), é bastante ilustrativo no que diz respeito à discussão proposta neste artigo.

Os meninos notaram um fato muito interessante – a rivalidade entre o *Tu* e o *Você*. O Pronome *Você* havia entrado do quintal e sentara-se à mesa com toda a brutalidade, empurrando o pobre Pronome *Tu* do lugarzinho onde ele se achava. Via-se que era um Pronome muito mais moço que *Tu*, e bastante cheio de si. Tinha ares de dono da casa.
– Que há entre aqueles dois? – perguntou Narizinho. – Parece que são inimigos...
[...]
No andar em que vai, creio que [*Você*] acabará expulsando o *Tu* para o bairro das palavras arcaicas, porque já no Brasil muito pouca gente emprega o *Tu*. (LOBATO, 1934, p. 37-38; grifos acrescentados)

Chama a atenção, no excerto, o registro explícito de variação entre os pronomes de segunda pessoa do singular (P2) *tue você*, o primeiro apresentado como a forma conservadora quase arcaica e o segundo como a forma inovadora. A esse respeito, é digno de nota o comentário de Nunes (1982) sobre a relação de Lobato com a gramática, particularmente no que se refere ao uso desses pronomes em cartas.

Num ‘post-scriptum’ de 1904⁷ [...] ele enfrenta com audácia um dos mais fortes tabus gramaticais do seu tempo [...]: ‘Apontas-me, como crime, a minha mistura do ‘você’ com o ‘tu’ na mesma carta e às vezes no mesmo período. Bem sei que a Gramática sofre com isso, a coitadinha; mas me é muito mais cômodo, mais lépido, mais saído [...] Às vezes o ‘tu’ entra na frase que é uma beleza; outras é no ‘você’ que está a beleza – como sacrificar essas duas belezas só porque um Coruja, um Bento José de Oliveira, um Freire da Silva, um Epifânio e outros perobas ‘não querem?’” (NUNES, 1982, p. 67)

⁷ Correspondência de Lobato endereçada a Godofredo Rangel.

Um rápido apanhado dos pronomes de P2 nas obras aponta que, não obstante Lobato se dizer adepto do uso de *tu* alternado com *você*, em EP Gutiliza apenas *você*, a forma inovadora, na referência ao interlocutor.⁸ Já em RN, embora prepondera *você*, verifica-se que ocorre variação. Observa-se também que há mescla⁹ de formas do paradigma de *você* com formas do paradigma de *tu* em um mesmo enunciado, como ilustra a ocorrência a seguir.

(1) – *Viva, bobo! Viva, se não Pedrinho bota você fora. Viva, que te dou aquele meu aventalzinho vermelho que tem bolso.* (RN, Emília para boneco Faz-de-conta, p. 141)¹⁰

Essa constatação acerca do uso de P2 cria uma expectativa acerca de como se daria a utilização de *nós* e *a gente* nas obras, tendo em vista, especialmente, que o emprego de *a gente* não é mencionado por Lobato ao discorrer sobre os pronomes. Saliente-se que a gramaticalização de *a gente* como pronome pessoal com referência indeterminada teve início no século XVI (cf. LOPES, 2003, 2004), enquanto os primeiros registros de *você* aparecem no século XVII (cf. MENON, 2009) mas a implementação desse pronome se inicia, de fato, no século XIX (cf. LOPES; DUARTE, 2003).

2 Gramaticalização de *a gente* e variação com *nós*

A perspectiva teórica do trabalho é uma concepção de língua como sistema heterogêneo cujos elementos variam e mudam, e também como atividade social, correspondendo a “um conjunto de usos concretos, historicamente situados, que envolvem sempre um locutor e um interlocutor, localizados num espaço particular, interagindo a propósito de um tópico conversacional previamente negociado” (CASTILHO, 2000, p. 12). Nessa perspectiva, assume-se i) uma concepção de gramática funcional, que engloba tanto a relação regularmente estruturada e

⁸Esse fato é corroborado pela seguinte fala de Emília: “– Pois o tal Tu – disse Emília – o que deve fazer é ir arrumando a trouxa e pondo-se ao fresco. Nós lá no sítio conversamos o dia inteiro e nunca temos ocasião de empregar um só Tu, salvo na palavra Tatu. Para nós o Tu já está velho coroca.” (EPG, Emília, p. 38)

⁹Para efeitos deste artigo, considera-se “mescla” de paradigmas o uso alternado das formas pronominais *tu* e *você*, e *nós* e *a gente* e pronomes oblíquos e possessivos correlacionados, combinando em um mesmo enunciado, por exemplo, *nós* e *a gente*, *a gente* e *nos* etc.

¹⁰Osdados são assim identificados: EPGeRN = títulos das obras; personagem que produziu aquela fala: narrador, palavra velha e Narizinho, e assim por diante; por fim, a página da referida obra. Os grifos nos dados relevantes das ocorrências apresentada ao longo do texto foram acrescentados.

relativamente estável entre formas e funções/significados como a emergência e expansão de novos usos linguísticos em um processo de gramaticalização (cf. GIVÓN, 2001; HEINE; KUTEVA, 2007; HOPPER; TRAUGOTT, 2003); ii) a premissa de que a variação e mudança por que passam as formas são sensíveis a pressões externas (de ordem social e estilística) e internas da língua (cf. LABOV, 2008 [1972]); iii) a ideia de que é frutífera uma abordagem de interface variação-gramaticalização (cf. GÖRSKI; TAVARES, 2017; POPLACK, 2011); e, por fim, (iv) a asserção de que a dinâmica da língua em uso é socioestilística, pragmática e linguisticamente motivada.

Nesse arcabouço teórico, fenômenos em variação são tratados analiticamente mediante a circunscrição do envelope de variação e o controle de grupos de fatores que atuam como variáveis independentes condicionando os usos linguísticos em situações de variação estável ou de mudança em curso (cf. TAGLIAMONTE, 2006, 2012). Por sua vez, fenômenos em mudança como no caso da trajetória de *a gente* são analisados sob a ótica da gramaticalização (cf. HOPPER; TRAUGOTT, 2003; LOPES; VIANNA, 2013; ZILLES, 2002). Trata-se, portanto, de dois olhares distintos e complementares voltados para a relação entre formas e funções: o olhar a partir da sociolinguística variacionista – com foco na relação entre duas ou mais formas e uma função; e o olhar a partir da gramaticalização – com foco no percurso da relação entre uma forma e mais de uma função, incluindo também mudança categorial. Esse duplo olhar entra em convergência no que Hopper (1991) denomina princípio da estratificação, o qual prevê que, dentro de um domínio funcional, emergem continuamente, via gramaticalização, novas camadas para expressar funções que em geral já são codificadas por outras formas, caso em que as camadas mais antigas podem permanecer coexistindo com as novas. Aproximando as terminologias, pode-se considerar que ‘estratificação’ corresponde a ‘variação’ e que ‘camadas’ que coexistem no interior de um domínio funcional correspondem a ‘variantes’ sociolinguísticas; em outras palavras, camadas/variantes são formas em competição no âmbito de um ‘domínio funcional’, ou seja, de uma ‘variável linguística’ (cf. GÖRSKI; TAVARES, 2017; POPLACK, 2011).

O processo de gramaticalização de *a gente* teve início no século XVI, segundo Lopes (2003, 2004), quando já se encontram ocorrências de interpretação ambígua, em que a noção genérica de pessoa inerente ao substantivo *gente* (= toda e qualquer pessoa) começa a se alterar para incluir ‘eu’ (= todas as pessoas, inclusive eu). O uso genérico de *gente* se dava em substituição a *homem/ome*, expressão indeterminada, que era usada

inicialmente como substantivo e depois como pronome indefinido, e cujo emprego pronominal foi interrompido no século XVI. No entanto, ainda de acordo com Lopes, a pronominalização de *a gente* com leitura inequívoca como pronome pessoal (= ‘nós’) só começou no século XVIII. A autora atesta que a marca formal de plural (*gentes*), uma importante propriedade do substantivo, que era alta até o século XIII, diminuiu bruscamente até o século XVI, intensificando-se o traço singular (*agente*) a partir de então até o desaparecimento da forma plural no século XX.

Em seu percurso de mudança, *a gente* se consolida como pronome – inicialmente indeterminado depois específico –, entrando em variação com *nós* na expressão da primeira pessoa do plural (P4), de modo que as duas formas passam a coexistir num mesmo domínio funcional. As ocorrências abaixo, extraídas das obras de Monteiro Lobato, ilustram esses diferentes usos.

(2) Mas começaram a aparecer uns Advérbios novos, que caíram no gosto *das gentes* e tomaram o meu lugar. (EPG, palavra velha, p. 13)

(3) Instintivamente todos obedeceram. Fecharam os olhos, com toda a força, como *a gente* faz nos sonhos quando vai caindo num precipício. (RN, narrador, p. 204)

(4) Dona Benta voltou-se para tia Nastácia.

– Esta Emília diz tanta asneira que é quase impossível conversar com ela. Chega a atrapalhar *a gente*. (RN, D. Benta, p. 21)

(5) – Não sei explicar. Só sei que em certos momentos *a gente* muda de estado e começa a ver as maravilhosas coisas que estão em redor de *nós*. (RN, Narizinho, p. 148)

Observe-se que em (2) *as gentes* tem valor nominal (= as pessoas), tanto que a expressão aparece flexionada no plural como os substantivos em geral. Em (3), *a gente* assume o papel de pronome com valor de indeterminação (*a gente* faz = *se* faz). Em (4), o pronome ganha um traço de determinação (*a gente* = as pessoas que convivem com Emília). Já em (5), as formas pronominais *a gente* e *nós* concorrem pela expressão de P4 no mesmo enunciado¹¹, ocorrência que flagra claramente o uso variável desses pronomes na fala de uma personagem.

Acerca da mescla de formas como *a gente* e *nosso* em um mesmo enunciado, Lopes (2004, p. 62) registra que “[a] partir do século XIX, com o início da pronominalização de *agente*, a combinação com o possessivo começa a ser implantada”, o que evidencia que “sua estrutura conceptual pressupõe a inclusão do falante”. Nas

¹¹ Toma-se como enunciado o segmento discursivo produzido por uma personagem (ou pelo narrador) acerca de um mesmo tópico, podendo extrapolar os limites de um período. No caso de uma díade conversacional, a pergunta e a resposta, por exemplo, são enunciados, independentemente do tamanho.

palavras de Vianna e Lopes (2015, p. 130): “Estamos diante de um fenômeno de mudança em curso visto em tempo real na boca de milhões de brasileiros de todas as idades, profissões, regiões”. Ainda segundo as autoras,

[m]esmo que no ensino o pronome ‘nós’ continue sendo apresentado como o legítimo pronome de primeira pessoa do plural, a forma ‘a gente’ não sofre uma avaliação negativa da comunidade e, por isso, já vem aparecendo com frequência em textos escritos. Isso ocorre obviamente apenas quando há a reprodução de situações dialógicas ou menor grau de formalidade (textos narrativos, crônicas, publicidade e propaganda, e-mails etc.). Nos textos veiculados pela mídia eletrônica, extraídos de jornais ou manuais didáticos, a forma inovadora é bastante recorrente. (VIANNA; LOPES, 2015, p. 139).

Em suma, no século XXI, não obstante a constatação de uso generalizado de *a gente* na fala, ainda persistem restrições contextuais, notadamente associadas a registro formal, mais monitorado, que retêm *nós* na escrita.

3 Análise e discussão

Procura-se verificar: i) no que tange a *(a) gente* – a) se nas amostras selecionadas para análise encontram-se ocorrências de *as gentes*, forma que já estaria desaparecida no século XX (cf. LOPES, 2003); b) como as formas nominal e pronominal de *(a) gente* se apresentam quanto à referência e à função sintática; ii) quanto ao uso variável de *nós* e *a gente* – a) se e em que medida se encontra variação nas obras; b) em que contextos se dá a variação entre os pronomes, considerando também a possibilidade de mescla pronominal; e c) que fatores se correlacionam à alternância pronominal no contexto sintático mais recorrente nas amostras; e iii) quanto às amostras – se o tratamento particularizado das obras impacta os resultados da análise. Os dados codificados foram submetidos ao pacote estatístico Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) para cálculo de frequências.

3.1 O funcionamento de *(a) gente*

A Tabela 1 exhibe comparativamente os resultados concernentes a *(a) gente* nominal e pronominal e as respectivas funções sintáticas, em cada um dos livros.

Tabela 1: Frequência de *(a) gente* quanto à classe gramatical e a função sintática, em RN e EPG

Obras	<i>Reinações de Narizinho</i>				<i>Emília no país da gramática</i>			
<i>(a) gente</i>	Substantivo		Pronome		Substantivo		Pronome	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Sujeito	15	33	23	82	22	81	22	79
Obj. direto	05	11	04	14	02	7	03	10,5
Obj. indireto	03	6,5	–	–	01	4	02	7
Adj. Adn.	07	15	01	4	01	4	01	3,5
Adj. Adv.	01	2	–	–	–	–	–	–
Predicativo	09	19,5	–	–	01	4	–	–
Compl. Nom.	04	9	–	–	–	–	–	–
Vocativo	02	4	–	–	–	–	–	–
Total	46	100	28	100	27¹²	100	28	100

Fonte: Elaboração própria. Obs.: RN = 203 p.; EPG = 133 p.

Considerando o total de ocorrências, observa-se que o número de *a gente* pronominal coincide nas duas obras: 28 dados. No entanto, em RN, 38% das formas (28/74) são de *(a) gente* pronominal, ao passo que em EPG, 48% (28/58) são de pronomes, evidenciando-se uma distribuição mais equilibrada entre substantivos e pronomes na segunda obra. Se pensarmos que as histórias de RN foram escritas ao longo da década de 1920, ou seja, com quase uma década de diferença de EPG, poderíamos supor que o aumento de frequência de *a gente* pronominal deveu-se ao fator temporal. Tal suposição, contudo, não se sustenta, como veremos em seguida.

A forma *(a) gente* substantivo, em RN, distribui-se por oito funções sintáticas, predominando como sujeito (33%), enquanto em EPG transita por cinco funções, concentrando-se mais fortemente no papel de sujeito (81%). Já *a gente* pronome apresenta um leque mais fechado de funções sintáticas em ambas as obras, com alta concentração em sujeito (em torno de 80%). Nota-se que, proporcionalmente, o decréscimo de uso da forma *(a) gente* nominal em EPG (em relação a RN) converge com a diminuição de contextos sintáticos em que se manifesta; e o aumento de uso da forma *a gente* pronominal em EPG converge com a expansão dos contextos sintáticos em que aparece. Os dados a seguir ilustram as ocorrências de *(a) gente*, nome e pronome, na função de sujeito.

¹²Há três ocorrências de *gente* em EPG sem função sintática definida (como em “*Gente de fora*” – título).

(6) Era uma cidade como todas as outras. A *gente* importante morava no centro e a *gente* de baixa condição, ou decrepita, morava nos subúrbios. (EPG, narrador, p. 12)

(7) – Como é birrenta! A *gente* quando quer uma coisa precisa dar as razões e não ir dizendo quero porque quero. Isso só rei é que faz. (RN, Narizinho, p. 159)

(A) *gente* substantivo apresenta-se, nas obras, ou com o traço contrastivo [+ humano] ou com referência genérica a pessoas, como mostram os resultados da Tabela 2.

Tabela 2: Frequência de (a) *gente* substantivo em RN e EPG quanto à referência

Obras	<i>Reinações de Narizinho</i>		<i>Emília no país da gramática</i>	
	N	%	N	%
Traço [+ humano]	27	59	03	10
Ref. Genérica	19	41	27	90
Total	46	100	30	100

Fonte: Elaboração própria.

Em RN, o substantivo *gente* associado contextualmente ao traço [+ humano] evidencia o contraste entre as personagens humanas que povoam o sítio do Picapau Amarelo (Narizinho, Pedrinho, D. Benta e tia Nastácia) *versus* as outras que ganharam vida no sítio (boneca Emília, sabugo Visconde de Sabugosa, leitão Marquês de Rabicó) e aquelas personificadas no mundo imaginário do reino das Águas Claras (peixe, besouro etc.). Esse traço semântico inerente ao substantivo *gente*, presente de modo significativo em RN (59%), é responsável pela incidência relativamente alta de predicativo (19,5%) e adjunto adnominal (15%), funções em que *gente* funciona como atributo, como em (8).

(8) Narizinho e Emília ficaram tristes. Que pena serem *gente* e não poderem transformar-se em abelhas para morar numa colmeia daquelas... (RN, narrador, p. 46)

Em EPG, a recorrência maior de (a) *gente* associado a sentido genérico de pessoas (90%) provavelmente se deva à temática que caracteriza os diálogos em torno de questões da gramática da língua. Assim, o enredo, o cenário, as características das personagens e os assuntos conversados interferem no funcionamento diferenciado de (a) *gente* nas obras, que apresenta um traço maior de concretude em RN em relação a EPG.

Vejam-se a seguir outras ocorrências ilustrativas de (a) *gentenominal*, com foco na referência.

(9) – [...] Por fim há tanta *gente* a cometer o mesmo erro que o erro vira Uso e, portanto, deixa de ser erro. (EPG, Sra. Etimologia, p. 72)

- (10) – Não é “círculo”, Emília, nem “escavalinho”. É circo de cavalinhos.
 – Mas toda *gente* diz assim – retorquiu a teimosa criaturinha.
 – Está muito enganada. Eu também sou *gente* e não digo assim. O Visconde, que está quase virando *gente*, também não diz assim. (RN, Emília; D. Benta, p. 149)

Em (9), *gentee* equivale a “pessoas”, sendo o traço de coletividade depreendido em “tanta”, que acompanha o substantivo. Já no dado (10), a primeira ocorrência de *gente* apresenta uma leitura dúbia, podendo tanto remeter a “todas as pessoas” como enfatizar contrastivamente o traço [+ humano], uma vez que se trata da fala da boneca Emília, que é rebatida por D. Benta identificando-se como *gente*, o que é reforçado na passagem referente ao Visconde “virando *gente*”.

Ainda no que diz respeito a *gente* substantivo, quanto à forma de expressão há nas obras largo predomínio de *gente*, no singular e sem artigo definido, e poucas ocorrências de *a(s)gente(s)*. Em RN, foi encontrado apenas um dado de *as gentese* em EPG, três dados no plural. Já *a gente*, no singular, apareceu uma única vez em RN e seis vezes em EPG.

- (11) Narizinho riu-se de tanto olho arregalado e continuou:
 – De que é que se espantam? Se *toda a gente* se casa, por que não posso casar-me também? [...]
 – Todos se casam, não há dúvida. (RN, Narizinho, p. 65)
- (12) Era uma cidade como todas as outras. *A gente* importante morava no centro e *a gente* de baixa condição, ou decrépita, morava nos subúrbios. (EPG, narrador, p. 12)
- (13) – Pois a senhora precisa trabalhar muito – disse Emília –, porque a maior parte *das gentes* ainda não sabe escrever na regra. (EPG, Emília, p. 123)

Em (11), “*toda a gente*” equivale a todas as pessoas (em outras ocorrências desse tipo, o artigo aparece omitido). Em (12), *a gente* se refere a certo grupo de pessoas. E em (13), *as gentes* significa as pessoas.

Como já mencionado na seção precedente, Lopes (2003, 2004) constatou, em sua análise diacrônica, que a forma plural *as gentes* tinha desaparecido no século XX, permanecendo apenas a forma substantiva singular *a gente* com valor genérico, coocorrendo com a forma pronominal. Em Lobato, foram encontradas quatro ocorrências da forma plural e sete da forma substantiva singular. Embora esses números sejam baixos, proporcionalmente mais da metade dos substantivos apareceu no plural, indicando que, cerca de três décadas depois de adentrar o século XX, ainda persiste o uso de *as gentes*.

Retomando os resultados da Tabela 2, se desconsideramos as ocorrências que acentuam o traço [+ humano] em contraste com [- humano], inverte-se a distribuição de

frequência nas obras, de modo que EPG passa a ter um percentual maior de *gente* substantivo genérico, que é o contexto que, historicamente, propicia a emergência de *a gente* pronominal com referência indeterminada. É também em EPG que se encontram mais formas marcadas de *a gente* substantivo (embora os números sejam escassos), tanto com artigo plural quanto singular. Essa constatação invalida a conjectura a respeito de possível interferência do fator temporal aventada anteriormente, uma vez que EPG é escrita e publicada posteriormente a RN e que é justamente a forma singular do substantivo antecedido de artigo *a gente* que se pronominaliza.

Cabe mencionar ainda que a delimitação categorial nem sempre é clara, como se pode perceber na ocorrência seguinte.

(14) – Que divertimento interessante não deve ser o estudo de cada palavra! – exclamou Pedrinho. – Hão de ter cada uma o seu romance, como acontece com *a gente...* (EPG, Pedrinho, p. 68)

A forma *a gente*, em contraste com “palavra” foi considerada como pronominal, mas note-se que ainda retém tanto o traço [+humano] em contraste com o traço [-humano] associado a “palavra”, como o traço de coletividade (qualquer pessoa), presentes no nome. A discussão acerca da referência em *a gente* pronominal é feita na seção a seguir.

3.2 A variação entre os pronomes *nós* e *a gente*

Inicialmente foi feito um levantamento geral das formas pronominais *nós* e *a gente* e também dos pronomes que integram o paradigma de *nós* – *nosso*, *nos* e *conosco* –, com vistas a verificar quais seriam os contextos sintáticos potencialmente sujeitos à variação em P4 nas amostras examinadas. No caso do sujeito, foram computados os dados com o pronome expresso e também os dados de sujeito nulo, marcado na desinência *-mosou* - \emptyset , respectivamente para *nós* e *a gente*.¹³ Atentando-se para a possibilidade de intercambialidade com *a gente*, foram desconsideradas da análise as ocorrências de formas verbais no imperativo (como “continuemos a nossa viagem”) e as ocorrências com “Vamos” funcionando como ato de fala manipulativo de comando,

¹³ Ocorreu apenas um dado com *nós* - \emptyset : “Dona Sintaxe encontrou mais adiante outra aleijadilha – uma Oração que rezava assim: *Nós vai* brincar, e consertou-a, pondo o Verbo no plural – *Vamos*. (EPG, D. Sintaxe, p. 97)

convite ou sugestão (como em “Vamos apostar corrida?”). Há pouco mais de 20 dados desse tipo em cada uma das obras.

No caso da função sintática de sujeito, o contexto mais recorrente da variável, com a testagem de intercambialidade de *nós* por *a gente* em cada um dos contextos sem alteração de significado/função, nove ocorrências foram descartadas (duas em RN e sete em EPG). Um desses dados é “*nós* duas aqui somos Homônimas” (EPG) e os demais são do tipo “*Nós*, palavras, vivemos muito mais” (EPG) – no primeiro caso, o numeral bloqueia o uso de *a gente*, e nos outros há um aposto isolando o sujeito do verbo que também impede *a gente* em tais contextos. Ou seja, de total inicial de 30 dados com sujeito *nós* expresso (13 em RN e 17 em EPG), restaram 21 contextos potencialmente variáveis. Embora nesse levantamento não se tenha controlado eventuais restrições sintáticas ao preenchimento do sujeito, uma vez que o foco principal da análise não é esse, acredita-se que esse apanhado geral oferece um indicativo importante acerca do preenchimento do sujeito, que pode ser considerado à luz de achados de pesquisas diacrônicas.

Excluídos os dados não passíveis de intercambialidade, indícios de variação foram encontrados nos seguintes contextos sintáticos: i) objeto direto – em RN, *a gente* (04 dados) e *nos* (18 dados); em EPG, *a gente* (03 dados), *nos* (14 dados) e *nós*¹⁴ (02 dados); ii) objeto indireto – em EPG, *a gente* (02 dados), *nos* (06 dados), *nós* (02 dados) e *conosco* (01 dado); iii) adjunto adnominal – em RN, *a gente* (01 dado), *nosso* (38 dados) e *nós*¹⁵ (02 dados); em EPG, *a gente* (01 dado), *nosso* (10 dados), *nos* (02 dados) e *nós* (01 dado); eiv) sujeito – em RN, *a gente* (32 dados, sendo 23 *a gente* expressos e 09 identificados na morfologia verbal -Ø) e *nós* (141 dados, sendo 11 *nós* expressos e 131 marcados apenas na desinência verbal-*mos*); em EPG, *a gente* (29 dados, sendo 22 *a gente* expressos e 07 -Ø) e *nós* (81 dados, sendo 10 *nós* expressos e 71 marcados somente na desinência verbal).

Interessava, particularmente, esse apanhado dos contextos de variação para verificar se havia mescla de pronomes na fala de uma mesma personagem e também no escopo de um mesmo turno de fala numa sequência dialogal. A falta de paralelismo

¹⁴ O objeto direto *nós* apareceu preposicionado com uso enfático, como em “Advérbio é uma palavra que nos modifica a *nós*, Verbos.” (EPG)

¹⁵ O adjunto adnominal *nós* apareceu em construções como “ao redor de *nós*”. (RN)

padrão entre as formas de expressão de P4 foi encontrada em várias passagens, conforme ilustrado a seguir.

(15) – Não sei explicar. Só sei que em certos momentos *a gente* muda de estado e começa a ver as maravilhosas coisas que estão em redor de *nós*. (RN, Emília p. 147-148)

(16) – *Nós*, gramáticos, usamos um nome muito feio para designar tais substantivos – EPICENOS. [...]

– Epiceno é o nariz dos gramáticos – exclamou Emília.

– Um defeito *a gente* deve corrigir. Xingar o defeito com um nome feio não adianta. (EPG, rinoceronte, p. 26)

(17) – Não *valem* nada nesta vida. Quando chega a hora de virar, pode ser rei, pode ser Visconde, *a gente* vira mesmo – e ainda é bom quando vira pilão... (RN, tia Nastácia, p. 126)

(18) – Como é muito enjoado lidar com um companheiro de viagem que *a gente* não pode ver, proponho que você traga uma pena no chapéu. Pela pena *saberemos* onde você está. (RN, Pedrinho, p. 172)

(19) – *Temos*, por fim, os Pronomes INTERROGATIVOS, que servem para fazer perguntas. Todos usam um Ponto de Interrogação no fim, para que *a gente* veja que são perguntativos.... (EPG, rinoceronte, p. 40)

(20) – Individualizar quer dizer marcar um entre muitos. Quando *a gente* diz: A menina do nariz arrebitado, aquele A do começo marca, ou individualiza, esta menina que está aqui, esta neta de Dona Benta – e não uma menina qualquer. Tudo já fica muito diferente se *dissermos*: Menina do narizinho arrebitado – sem o A, porque então já não *estaremos* marcando estazinha aqui. (EPG, rinoceronte p. 41)

É interessante observar que em EPG é justamente na fala autorizada do gramático, no caso personificado pelo rinoceronte, que se verifica o maior número de mescla das formas – dados (16), (19) e (20). As demais ocorrências se distribuem na fala de Emília, Pedrinho e tia Nastácia, em RN. Assim, parece ficar invalidada uma tentativa de explicação associada ao perfil social da personagem, já que tanto a fala da boneca como a do menino, a da empregada e a do gramático apresentam formas mescladas de P4.

Na sequência, vamos nos deter no exame da alternância pronominal na função de sujeito. Para análise desses dados, foram controladas as variáveis *tipo de referência e personagem*. A Tabela 3 exhibe os resultados para a primeira variável.

Tabela 3: Frequência das variantes de sujeito de acordo com a referência, em RN e EPG

Reinações de Narizinho				
Variantes	Nós	-mos	A gente	-Ø

Referência	N/%	N/%	N/%	N/%	N
[- det]	–	01/04	14/64	07/32	22
[± det]	05/20	16/64	03/12	01/04	25
[+ det]	06/05	114/95	–	–	120
Ambígua	–	–	06/100	01/	07
Total	11/06	131/75	23/13	09/05	174

Emília no país da gramática

Variantes Referência	Nós N/%	-mos N/%	A gente N/%	-∅ N/%	N
[- det]	02/04	18/37	22/45	07/14	49
[± det]	05/17	24/83	–	–	29
[+ det]	03/09	29/91	–	–	32
Ambígua	–	–	–	–	–
Total	10/09	71/65	22/20	07/06	110

Fonte: Elaboração própria.

Primeiramente, cabe explicitar os tipos de referência consideradas. Foram interpretadas como ocorrências de referência [- determinada] aquelas que remetem indeterminadamente a qualquer um, conforme interpretação de senso comum ou conhecimento compartilhado; as ocorrências de referência [± determinada] remetem a personagens do universo do sítio em geral, mesmo que não se identifique especificamente quais; as de referência [+ determinada] fazem remissão a um conjunto reduzido de personagens identificáveis no contexto; os dados ambíguos são aqueles que podem ser interpretados de mais de uma maneira. Ilustrando:

- (21) – Os gênios não se combinam. Além disso, Emília não se casou por amor, como *nós*. Só por interesse, por causa do título. (RN, Narizinho, p. 85)
- (22) – *Nós* – respondeu Eu – servimos para substituir os Nomes das pessoas. (CP Pronome Eu, p. 37)
- (23) – Melhor que seja assim, – filosofou Narizinho. – As ideias de vovó e tia Nastácia a respeito de tudo são tão sabidas que *a gente* já as adivinha antes que elas abram a boca. (RN, Narizinho, p. 18)
- (24) O que *nós* hoje chamamos certo, já foi erro em outros tempos. Assim é a vida, meus caros meninos. (EPG, Sra. Etimologia, p. 72)
- (25) – Impossível! – respondeu Branca. – Eles são sete, e se sair um quebra a conta. *A gente* não deve mexer com o número sete, que é mágico. (RN, Branca de Neve, p. 118)
- (26) – Lembrei-me duma coisa – disse ele. – Como é muito enjoado lidar com um companheiro de viagem que *a gente* não pode ver, proponho que você traga uma pena no chapéu. Pela pena saberemos onde você está. (RN, Pedrinho, p. 172)

Em (21), o pronome *nós* remete a Narizinho e o príncipe, tem, pois, referência [+ determinada]. Em (22) e (23), os pronomes têm referência [± determinada]: *nós* faz remissão à família dos pronomes e *a gente* remete às personagens do universo do sítio. Em (24) e (25), a referência é [- determinada]: *nóse a gente* designam qualquer um. Já

em (26), a referência é ambígua: *a gente* pode tanto remeter a qualquer um em geral como a qualquer um do grupo de viajantes. Os dados de interpretação ambígua revelam o caráter fluido da referencialidade expressa por esses pronomes.

Os resultados da tabela sinalizam que a questão da referência é um diferencial entre as obras. O total geral de cada livro indica que, em RN, prevalece largamente a referência [+ determinada] ($120/174 = 69\%$), ao passo que em EPG há uma distribuição mais equilibrada dos dados, com leve predomínio de referência [- determinada] ($49/110 = 45\%$). Considerando o pronome *a gente*, as obras continuam se diferenciando: em RN, as ocorrências se distribuem com referência [-determinada], [\pm determinada] e ambígua, enquanto em EPG os dados se concentram categoricamente com referência [-determinada]. No que diz respeito a *a gente*, o ponto de convergência entre os livros é que em nenhum deles o pronome apresenta referência [+ determinada] com presença de um traço de personalidade acentuado do tipo *eu + ele/a*.

Como já dito, essas diferenças são atribuídas à natureza e à temática das histórias. Em RN, são narradas aventuras no Sítio do Picapau Amarelo e Narizinho conduz o leitor a viagens pelo mundo da fantasia; as histórias contemplam situações experienciadas pelos diferentes personagens, envolvendo quase sempre Emília, Tia Nastácia, D. Benta, Pedrinho e o Visconde, além de outros de participação mais episódica. Em EPG, o enredo gira em torno do estudo de gramática, focalizando nomes e regras relacionados em geral a classes de palavras, e também variações, etimologia, arcaísmos e neologismos. Como a temática que atravessa EPG é de natureza menos concreta e mais conceitual, é esperado que os conceitos sejam pertinentes a pessoas em geral (a todos os que estão lendo o livro, por exemplo) e não fiquem limitados a personagens da obra. Daí o resultado de um número maior de *a gente* [\pm determinado] e de referência ambígua em RN e somente *a gente* [- determinado] em EPG.

Embora não seja o foco da discussão proposta, vale salientar que os contextos de P4 sujeito exibem dois fenômenos relacionados: a alternância entre as formas pronominais e o preenchimento ou não do sujeito. Em RN e EPG, computando a totalidade dos contextos de sujeito P4 encontrados nas obras publicadas em 1931 e 1934, respectivamente, tem-se 80% de sujeito nulo na primeira e 71% na segunda. Tal percentual se aproxima do obtido por Duarte (1993) para peça de teatro carioca de

1918¹⁶. O crescente preenchimento do sujeito no decorrer do tempo é associado ao enfraquecimento do paradigma verbal do PB, correlacionado à entrada de *você* e de *a gente* no sistema pronominal.

A Tabela 4 apresenta os resultados relativos a personagens.

Tabela 4: Distribuição das variantes de sujeito de acordo com as personagens, em RN e EPG

<i>Reinações de Narizinho</i>					
Personagens	Nós N/%	-mos N/%	A gente N/%	-Ø N/%	N
Narizinho	04/09	29/63	10/22	03/06	46
Pedrinho	01/02	42/93	02/04	–	45
Emília	–	08/89	01/11	–	09
D. Benta	–	13/100	–	–	13
T. Nast.	01/14	01/14	04/57	01/24	07
Narrador	–	–	04/50	04/50	08
Abelhas	03/25	09/75	–	–	12
Peninha	–	04/100	–	–	04
Príncipe	–	03/100	–	–	03
Outros	02/07	22/81	02/07	01/04	27
Total	11/06	131/75	23/13	09/05	174
<i>Emília no país da gramática</i>					
Personagens	Nós N/%	-mos N/%	A gente N/%	-Ø N/%	N
Narizinho	01/ 20	04/ 80	–	–	05
Pedrinho	–	03/100	–	–	03
Emília	04/10	29/72	06/15	01/02	40
Narrador	01/33	–	01/33	01/33	03
Rino.	–	08/36	11/50	03/14	22
Etimol.	01/09	07/64	01/09	02/18	11
D. Sint.	01/12	04/50	03/37	–	08
Clas. pal.	01/12	07/87	–	–	08
Pena	–	7/100	–	–	07
Outros	01/33	02/67	–	–	03
Total	10/09	71/64	22/20	07/06	110

Fonte: Elaboração própria.

O universo de personagens que faz alternância pronominal de P4 na função de sujeito é distinto em cada obra, coincidindo apenas na fala da boneca Emília. Em RN, Narizinho, Pedrinho, tia Nastácia e Emília fazem uso variável, enquanto o narrador só usa *a gente* (D. Benta usa uma vez *a gente*, mas em função sintática diferente); em EPG, Emília, o narrador, o rinoceronte, a Sra. Etimologia e D. Sintaxe são os responsáveis pela variação. Chama atenção o fato de que em RN Narizinho, seguida por tia Nastácia e o narrador, é quem mais utiliza *a gente*; já em EPG, o gramático

¹⁶Duarte (1993) analisa a trajetória do pronome nulo a pleno em peças teatrais de cunho popular, escritas entre 1845 e 1992 no Rio de Janeiro.

rinoceronte e Emília são os maiores usuários dessa forma pronominal (Pedrinho usa *a gente* em função sintática distinta de sujeito). Observa-se, por um lado, que esses dados não sustentam a observação de Preti (2003, p. 69) acerca da “coerência do emprego da mesma estrutura” na fala de uma mesma personagem; e por outro, que as personagens que participam dos dois livros (à exceção de Emília) não se comportam linguisticamente da mesma maneira no que tange à expressão de P4. Narizinho, por exemplo, tem 10 ocorrências de *a gente* sujeito expresso em RN e não utiliza nenhuma vez essa forma em qualquer função sintática em EPG.

Esses resultados suscitam ainda outras reflexões. Em RN, em termos de frequência, depois do narrador, tia Nastácia e Narizinho lideram no uso de *a gente versus nós*. No que concerne ao enredo e temática da obra, Narizinho tem voz ativa na condução dos episódios cujo cenário é o sítio e arredores, mesmo que em reinos imaginários; tia Nastácia, como figura da casa, também tem voz recorrente ao longo das histórias. Pedrinho, por sua vez, é o menino da cidade que visita o sítio e segue D. Benta no que diz respeito à larga preferência por *nós/-mos*. Emília também prefere *-mos*. Observando o perfil dessas personagens, pode-se pensar que a) o narrador, em certa medida, representa o posicionamento do autor, que, no caso, mostra-se bastante favorável à “mistura” de pronomes e crítico da educação formal vigente à época; b) tia Nastácia representa o estereótipo de quem se situa na base da pirâmide social: é negra e empregada doméstica; e c) Narizinho se sente completamente à vontade em seu mundo. A alta taxa de uso de *a gente* por essas personagens pode ser entendida a partir dessas características individuais. O mesmo se pode dizer a respeito das personagens que fazem mais uso de *nós/-mos*. As abelhas, Peninha, o príncipe e demais personagens seguem D. Benta e Pedrinho na preferência pela forma de expressão de P4.

Já em EPG, o condutor das viagens é o rinoceronte, que deixa Narizinho e Pedrinho em segundo plano ao guiar as crianças para os reinos da Sra. Etimologia, da D. Sintaxe, das classes de palavras – personagens que assumem o turno notadamente para dar explicações aos viajantes. Considerando que o rinoceronte é o gramático e as demais personagens compõem a gramática da língua, é interessante notar a preferência do rinoceronte pela forma *a gente* e a presença dessa forma inovadora também na fala da Sra. Etimologia e da D. Sintaxe, além de aparecer ainda na fala do narrador. Emília, cujo comportamento é aparentemente destoante em relação a RN (se olharmos apenas os números absolutos), mantém aproximadamente a mesma proporção de uso de *a gente*

e *nós/-mos* nas obras. Assim, EPG, cujos episódios se desenrolam em torno de discussões de natureza gramatical, apresenta maior incidência de *a gente* (29/110 = 26%) em relação a RN (32/174 = 18%).

Se Lobato tinha ou não consciência disso ao dar o turno a suas personagens é algo que fica apenas na conjectura.

Considerações finais

Tomar como parâmetros de ancoragem da análise do funcionamento de P4 em obras infantis de Monteiro Lobato o processo de gramaticalização de *a gente*, conforme documentado na literatura, e resultados de estudos empíricos já realizados sobre o fenômeno variável em questão, certamente consiste num procedimento analítico que fornece resultados descritivos interessantes. Neste trabalho, porém, além de levar em conta tais parâmetros, a análise comparativa (em RN e EPG) das formas de expressão de P4, bem como do funcionamento de *(a) gente* – particularizando cada livro e considerando o perfil biográfico do autor, o contexto de produção, as características temáticas, de enredo e das personagens de cada obra –, revelou especificidades funcionais importantes que não seriam captadas se a análise fosse realizada numa amostra única concebida como ‘a obra infantil de Monteiro Lobato’¹⁷.

Os resultados mostraram que i) a alternância pronominal, já atestada em trabalhos com outras amostras da época, ocorre não só entre as personagens no escopo da obra, mas também na fala de uma mesma personagem ao longo dos diálogos e ainda em um mesmo enunciado; ii) o comportamento linguístico diferenciado das personagens se deve a características que particularizam cada obra, sendo motivado socioestilisticamente; iii) não obstante Lobato ter externado sua opinião somente a respeito do uso inovador de *você*, a forma *a gente* em sua função pronominal mostrou-se recorrente na fala de personagens com diferentes perfis nas duas obras, o que sugere que tal uso não era desprestigiado nas décadas de 1920-30, pelo menos não pelo autor; e iv) a afirmativa de Preti (2003, p. 69) sobre a “coerência do emprego da mesma estrutura” por uma personagem não se sustenta nas obras analisadas.

O modo como foi desenvolvido este artigo e os resultados apontados suscitam reflexões acerca das práticas analíticas envolvidas nos estudos variacionistas em geral.

¹⁷ O funcionamento de P4 poderia ficar ainda mais obscurecido se a amostra se caracterizasse de modo mais genérico como ‘a obra de Monteiro Lobato’, ou como ‘romances modernistas’.

Um ponto de reflexão diz respeito à abrangência do objetivo da análise: busca de padrões sociolinguísticos gerais, ou busca de especificidades que, somadas a outras, podem vir a compor um mosaico multifacetado capaz de refletir a multidimensionalidade que caracteriza a dinâmica funcional da língua. No caso desta análise, as especificidades encontradas nos usos linguísticos – a que se procurou dar mais luz – se mostram sensíveis particularmente a elementos caracterizadores de cada obra; as convergências nos usos, por sua vez, se coadunam, de um lado, com o posicionamento crítico do autor acerca de questões gramaticais e, de outro, com o movimento mais amplo de mudança linguística que tem reestruturado o sistema pronominal do português do Brasil. Outro ponto de reflexão é um alerta que sinaliza para os critérios cuidadosos que devem orientar a composição das amostras, a circunscrição das variáveis e a seleção de possíveis condicionadores; e também para a cautela que deve ser tomada ao se comparar resultados de diferentes pesquisas e ao se propor generalizações a partir de resultados relativamente pontuais – ações que constituem o fazer metodológico variacionista.

Referências

ALBIERI, T. de M. Lobato: a cultura gramatical em Emília no País da Gramática. *Sínteses* – Revista dos Cursos de Pós-Graduação do IEL/UNICAMP, v. 11 p. 9-35, 2006.

CALDEIRA, W. J. *Uso pronominal de “a gente” na fala de personagens da obra de Monteiro Lobato: contribuições para o ensino*. 2019. 160 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Mestrado Profissional em Letras, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

CASTILHO, A. T. de. *A língua falada e o ensino de língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2000.

DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Orgs.). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da UNICAMP. 1993, 07-128.

GIVÓN, T. *Syntax – an introduction*. v. 1. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 2001.

GÖRSKI, E.; TAVARES, M. A. O objeto de estudo na interface variação-gramaticalização. In: BAGNO, M.; CASSEB-GALVÃO, V.; REZENDE, T. F. (Orgs.) *Dinâmicas funcionais da mudança linguística*. São Paulo: Parábola. 2017. p. 35-63.

HEINE, B.; KUTEVA, T. *The Genesis of Grammar: a reconstruction*. New York: Oxford University Press, 2007.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. Trad.: BAGNO, M.; SCHERRE, M. M. P.; CARDOSO, C. R. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LAJOLO, M. A modernidade em Monteiro Lobato. *Letras de Hoje*, v. 15, n. 3, p. 15-22, 1982.

LOPES, C. R. dos S. A inserção de 'a gente' no quadro pronominal do português. Frankfurt amMain/Madrid: Vervuert/Iberoamericana, 2003, v.18. p. 1-167.

LOPES, C. R. dos S.; DUARTE, M. E. L. L. De Vossa Mercê a você: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas. In: BRANDÃO, S. F.; MOTA, M. A. (Orgs.). *Análise contrastiva de variedades do português: primeiros estudos*. Rio de Janeiro, 2003, v. I, p. 61-76.

LOPES, C. R. dos S. A gramaticalização de 'a gente' em português em tempo real de longa e de curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos. *Fórum linguístico*, v. 4, n.1, p. 47-80, 2004.

LOPES, C. R. dos S.; VIANNA, J. B. S. A gramaticalização do "a gente" no PB e no PE: como explicar as diferenças nos dois espaços geográficos? In: CEZARIO, M. M.;

FURTADO DA CUNHA, M. A. (Orgs.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad/FAPERJ, 2013, v. 1, p. 81-96.

MATTOS, M. A. B. de. A gramática da Emília. Mesa-redonda comemorativa dos quarenta anos da morte de Monteiro Lobato. *XXXV Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo*. Taubaté/SP, 1988. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/maugusta.htm>> Acesso em 18/abril/2018.

MENON, O. P. da S. Sobre a datação de *você, ocê e senhorita*. *Fórum linguístico*, v. 6, n.1, p. 45-71, 2009.

NUNES, C. A correspondência de Monteiro Lobato. *Letras de Hoje*, v. 15, n. 3, p. 61-85, 1982.

PARENTE, L. *A linguagem desliterarizada de Monteiro Lobato em Reinações de Narizinho*. 2012. 114 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Biociências do Câmpus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2012.

POPLACK, S. Grammaticalization and linguistic variation. In: NARROG, H.; HEINE, B. (Eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press, 2011, p. 209-224.

PRETI, D. *Sociolinguística: os níveis de fala. Um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira*. 9 ed. São Paulo: EDUSP, 2003.

SANKOFF, D. ; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. *Goldvarb X: a variable rule application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <<http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>>.

TAGLIAMONTE, S. A. *Analysing sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

TAGLIAMONTE, S. *Variationist sociolinguistics: change, observation, interpretation*. Cambridge: Wiley-Blackwell, 2012.

VIANNA, J. S.; LOPES, C. R. dos S. Variação dos pronomes “nós” e “a gente”. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (Org.). *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto. 2015. p. 109-131.

ZILLES, A.M. S. Grammaticalization of ‘a gente’ in Brazilian Portuguese. *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*, v. 8, n. 3, p. 297- 310, 2002.